

## O ANIMAL ESSENCIALMENTE POLÍTICO

### THE ESSENTIALLY POLITICAL ANIMAL

Marcelo Barboza Duarte<sup>1</sup>

**RESUMO:** O presente trabalho procura se debruçar sobre a dimensão ontológica do homem animal-político-social em Aristóteles. Logo, desde já nos cabe ressaltar que a verificação do homem enquanto animal político-social abarcará um caráter metafísico para a efetivação no e do físico-material-natural, ou seja, o ser biopsicossocial. Refletindo, construindo e interligando o ser físico e “espiritual” (“alma e ou almático”). Portanto, o objeto principal será o que diz respeito ao homem como um animal político-social, no sentido ontológico do ser sensível em Aristóteles. Para tanto, a proposta abarcará a Teoria das Quatro Causas de Aristóteles.<sup>2</sup> Isso para demonstrar certa ontologia de uma suposta essência da ou na substância<sup>3</sup> no e do ser humano. Ou seja, quem é o “homem-ser-ente” coberto por sua estrutura física e sensível no sentido ontológico no corporal? São os seres humanos animais essencialmente políticos? E se forem são seres políticos do e ou no “espiritual”, “almático” e metafísico ou no físico-corporal?

**Palavras-chave:** Homem – Animal político – Animal Social – Educação – Essência – Político

**ABSTRACT:** *The present work seeks to focus on the ontological dimension of the animal-political-social man in Aristotle. Therefore, it is worth mentioning that the verification of man as a political-social animal will encompass a metaphysical character for the realization of the physical-material-natural, that is, the biopsychosocial being. Reflecting, building and interconnecting the physical and "spiritual" being (soul and or soul). Therefore, the main object will be what concerns man as a political-social animal, in the ontological sense of the sensitive being in Aristotle. To this end, the proposal will cover Aristotle's theory of the four causes. This is to demonstrate a certain ontology of a supposed essence of or in the substance in and of the human being. In other words, who is the "man-being-being" covered by his physical and sensitive structure in the ontological sense in the corporal? Are human beings essentially political animals? And if they are, they are political beings from and or in the "spiritual", amatic and metaphysical or in the physical-corporal?*

**Keywords:** *Man – Political Animal - Social Animal – Education – Essentially – Political.*

<sup>1</sup> Mestre em Educação, Gestão e Difusão em Biociências pelo Instituto de Bioquímica Médica da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ); Especializado em Filosofia pelo Departamento de Pós-Graduação Lato-Sensu da Universidade Gama Filho (UGF); Licenciado em Pedagogia Plena com Habilitação ao Magistério das Disciplinas Pedagógicas do Ensino Fundamental e Médio, Orientação, Supervisão e Administração Educacional pela Faculdade de Educação da Universidade Federal Fluminense (UFF); Bacharel em Teologia pela Faculdade Unida de Vitória - ES; Licenciado em Filosofia pela Universidade de Taubaté (UNITAU) e Bacharelado em Filosofia pelo Instituto de Ciências Humanas e Filosofia da Universidade Federal Fluminense (UFF).

<sup>2</sup> - Sobre esse assunto, as Quatro Causas, a obra *Metafísica* é de fundamental leitura (ARISTÓTELES. **Metafísica. Vol. I e II.** Ensaios Introdutórios. Comentário e notas por Giovanni Reale. São Paulo. Editora: Loyola, 2012).

<sup>3</sup> - Irei utilizar os dois termos, uma vez que, além dos referidos termos estarem interligados, ainda são bastante complexos e temas de muitas discussões. (1) A substância (há por exemplo duas: Uma primeira específica e do singular de um sujeito, coisa ou objeto, exemplo, cavalo; e outra segunda, universal a todas as coisas que participam dela, exemplo, branco, cavalo substância primeira e marrom, substância segunda, universal) seria o que constitui a matéria, mas de certa forma invisível (tanto específico, singular quanto universal), a não ser pelas transformações, portanto há um corpo, um sujeito, composto e formado por uma (duas) substância (ou várias, já que participa do universal, a exemplo um cavalo malhado, marrom e branco, participa da substância cavalo e da substância marrom e branco, ou seja três). Senso assim, Substância primeira ou segunda é aquilo que constitui a matéria e o sujeito, coisa ou objeto. Já (2) a Essência é aquilo que permanece sem mudar na substância (logo, no sujeito, coisa ou objeto), pois, sua unidade permanece inalterável, dando permanência e identidade ao ser, coisa ou objeto. Entretanto, ambas estão interligadas e conectadas. Alguns fazem a compreensão inversa, onde (1) Substância é (2) Essência, e (2) Essência é substância (1). Polemicas a parte, o que se quer dizer sobre a problemática em tela, é que em Aristóteles há uma substância humana (invisível ou mais) “do” corpo e uma essência também invisível “no” mesmo. Perceba que destaquei “do” e “no.” Vale lembrar que Aristóteles compreende ser humano dotado de corpo e “Alma”. “Alma” não no sentido do cristianismo e ou moderno, mas de outro modo, inclusive não “Alma”, mas “Alma”s. E isso já é outro problema, portanto, adentremos no assunto. A obra de Aristóteles *De Anima* trata sobre a “Alma” e suas características, indicamos a apresentada e traduzida por Maria Cecília Gomes Reis (ARISTÓTELES. **De Anima.** Apresentação e Tradução de Maria Cecília Gomes dos Reis. São Paulo. Editora: 34, 2006).

## Introdução

Muito se ouve falar em política, direitos, educação, violência, exclusão social, politização, Lei, a lei diz isso ou aquilo, conscientização, justiça, sociedade mais justa e tantos outros termos. Entretanto, poucas pessoas parecem saber exatamente alguma coisa sobre alguns desses assuntos, e boa parte não sabe nada a respeito desses temas/assuntos.

Porém, um número significativo de pessoas produzem opiniões sobre tais temas, realizam juízos de valor, e em certos casos atrelam tais assuntos à esfera religiosa e ou metafísica, onde a justiça parece pertencer ao campo de seres de outra dimensão, divindades e ou dos deuses; sociedade justa somente nos céus ou numa outra vida; a Lei é a “deusa” da sociedade, onde se deve cumprir sem questioná-la; conscientização é pensar exatamente igual aos demais para manter uma ordem e harmonia no *status quo* social, uma espécie de homogeneização do pensar e como pensar (quase uma reprodução social descrita na obra **1984** do escritor, jornalista e político Inglês, cujo pseudônimo é George Orwell (1903-1950), uma espécie de robotização do ser humano; e ainda, ser politizado é apenas emitir opiniões e críticas sobre questões políticas e de partidos políticos, lembrando que o falar em política já é um caso complexo e complicado em muitos locais.

E o que dizer das expressões: “Não gosto de [falar sobre] política, não sei nada de política, não entendo política e, futebol, religião e política não se discutem!” A quem interessa tais fatos descritos? Como interessa? Por que interessa? Quem é que ganha com a não politização da população e quem perde com a mesma? O que ganha os ganhadores com a não politização do povo e o que perde os não politizados? Como ganham? Quando e onde ganham os interessados com a despolitização e quando e onde perdem os despolitizados? Será que confundem política apenas com instituições políticas e partido político? Será que resumem o assunto política as instituições e ou partido ou vários partidos, e a seus políticos? Ou será que pode se haver ignorância parcial e ou total sobre o que é/seria ser político e politizado?

Quais as relações destas indagações com a questão da alienação, controle, condicionamento, violência e da exclusão social? O que é ser político? O que é ser politizado? Como ser? Onde atuar e como atuar?<sup>4</sup>

Tais questionamentos, inferências e indagações geralmente trazem dentro de seu bojo respostas baseada em opiniões e ou de senso comum, e não com conhecimento e consciência dos fatos em sua realidade, e em muitos casos das discussões em nosso dia a dia, as mesmas questões são norteadas, normatizadas e direcionadas por respostas “prontas” e que ocultam possíveis verdades e realidades, no qual são confeccionadas por ideologias de dominação para a não compreensão do real e seus conflitos de classes, bem como de seus antagonismos enquanto característica do fenômeno de tais relações sociais classistas.

Uma vez que, a ideologia dominante tem conseguido reduzir o ser político e a política para as concepções da massa dominada como sendo sinônimos de partidarismo político, inclusive que política é o mesmo que instituição

---

<sup>4</sup> - É importante desde já destacar que, todas as vezes que for utilizado o termo político e política, não estamos nos referindo aos partidos políticos e seus filiados ou membros, partidarismos político, ou a concepção política moderna, nem tão pouco a uma noção superficial e artificial do termo político e política. Mas os mesmos em sua Gênese, origem e conteúdos ligado ao termo e conceitos. Portanto, o ser político aqui, vem do *Politikos* Grego do Séc. V ao IV A.c. e que significava ao sujeito que tem consciência de sua condição social e política na *polis* Grega, suas responsabilidades e direitos, inclusive o de se manifestar diretamente quando cidadão, nas decisões da *polis*=Cidade-Estado Grega. (ARANHA e MARTINS, 1986). Ou seja, o político e política aqui se refere ao ser, ao indivíduo e sujeito humano, e não a partidos e filiados políticos no sentido partidário, mas o ser humano em si. Já que a proposta é tentar se debruçar sobre a essência humana em ser político, independentemente de partidos. E sobre tais fatos é que desenvolveremos o assunto “O Animal Essencialmente Político.”

partidária. Ou seja, criou-se a ideia de que política e partidarismo são sinônimos. Uma ingenuidade criada ideologicamente, inclusive que a escola e a educação devem ser neutras, tanto politicamente quanto partidariamente, que é um completo absurdo lógico concebê-la de tal forma, pois ela já o é um instrumento político e ideológico configurado a atender ao mercado de trabalho e ao capital, bem como de inculcação da legitimidade da hegemonia dominante e dos antagonismos sociais como resultante da própria falta de esforço, objetivos e vontade das massas subalternizadas (PENNA, 2017). Logo, podemos observar a confusão, limitação e erro de boa parte dos brasileiros ao se posicionarem e discutirem sobre política, políticas e instituições políticas.

Vale ressaltar que não afirmo que uma sociedade sem divisão de classes não tenha violência ou a exclusão social, como no caso de sociedades indígenas e ou sem Estado, mas a forma das relações sociais, sua dimensão e configuração assumem maneiras e objetivos bem diferentes das sociedades capitalistas. (CLASTRES, 2004).

O fato é que vivemos em uma sociedade capitalista e em uma sociedade classista, no qual a classe dominante vai criando suas estruturas de acordo com suas necessidades e interesses, e assim vai conduzindo a classe dominada a um contínuo e constante processo de ideologização que abarca desde a alienação da classe oprimida, bem como de sua marginalização política. No qual a escola acaba que por cumprir também um importante papel, que é de procurar manter tal estrutura classista, inclusive também de inculcar a ideologia dominante, sua perspectiva política de hegemonia e a marginalização da própria classe dominada, suas propostas e projetos de revolução, onde aí veiculam as possibilidades de se libertar das “correntes” que amarram-na como classe subordinada e dada a viver para a classe hegemônica. A esse respeito, Freire (1997) nos diz que,

Na verdade, porém, os chamados marginalizados, que são os oprimidos, jamais estiveram ‘fora de’. Sempre estiveram ‘dentro de’. Dentro da estrutura que os transforma em ‘seres para outro’. Sua solução, pois não está em ‘integrar-se’, em ‘incorporar-se’ a esta estrutura que os oprime, mas em transformá-la para que possam fazer-se ‘seres para si’. (FREIRE, 1997, p. 35)

Para entendermos melhor a relação do homem com a política, com a sociedade, com a escola e as demais instituições políticas, se é necessário o ser humano se conceber, se perceber e se compreender como um ser político por natureza, e isso no espaço e no tempo, e sendo anterior as instituições políticas e seus partidarismos.

A esse respeito Aristóteles (384-322 a.C) em muito nos ajudará. Uma vez que, o termo político/política é antigo, e vem desde a Grécia antiga, e assim “(...) etimologicamente política vem de *polis* (cidades) (...), e o político é aquele que atua na vida pública e é investido de um poder de imprimir determinado rumo para a sociedade (...)” (ARANHA e MARTINS; 1986, p. 165).<sup>5</sup> Fato é que todo o indivíduo considerado cidadão na *polis* grega, tinha acesso as assembleias e decisões nos e dos rumos da cidade. Logo, sendo um ser político. Exceto escravos, mulheres e estrangeiros. Já que para os gregos estes três tipos de sujeitos não contemplavam certos direitos ligados ao ser cidadão grego. Sendo assim, todos os demais cidadãos gregos eram possuidores de caráter e direitos políticos, investidos sobretudo, de participar ativamente das decisões e assembleias na cidade, pois eram cidadãos políticos.

E em nossa sociedade, somos todos cidadãos? Somos considerados cidadãos? Somos considerados políticos por natureza? Somos respeitados como cidadãos e como políticos?

Para entender melhor quem somos, precisamos nos debruçar na reflexão e construção do homem, ser político e social na perspectiva aristotélica, e para isso precisamos seguir sua linha de raciocínio e observação a respeito de quem é o homem animal político.

<sup>5</sup> - Para saber mais, ver “O que é Política” Unidade IV Política, Cap. 12 em ARANHA, M. L. A; MARTINS, M. H. P. **Temas de Filosofia**. São Paulo. Editora: Moderna, 1986. P. 165.

## 1 A origem da *polis* na teoria aristotélica como desdobramento do homem

Aristóteles (384-322 a. C) além de filósofo e professor, foi também um grande cientista e observador. Nascido em Estagira, colônia greco-jônica, na península macedônica, indo estudar em Atenas como discípulo de Platão por volta dos 17/18 anos de idade, e após a morte desse retornou para a macedônia a convite do Rei Felipe para ser preceptor de Alexandre, que se tornaria mais tarde Alexandre “o grande.” Quando este partiu para a conquista da Ásia, Aristóteles retornou para Atenas e lá fundou o Liceu, com um método denominado de aula peripatética ou aula passeio, andava pelo Liceu ensinando de forma diferenciada da academia platônica. Com um programa de estudos de poesia, oratória, história, política, ciências físicas e naturais. O estagirita foi um grande conhecedor de física, matemática, astronomia, metafísica, ética, teologia, literatura, medicina, biologia e dentre outras (REALE, G.; ANTISERI, 1990).

A educação para Aristóteles deve cumprir um bem moral, com finalidade para a felicidade do homem. Uma vez que, a felicidade em si e para si é o objeto da vida do homem grego, e isso por uma relação com o meio, a natureza, a cidade, o cosmo e com o ser desempenhando seu papel no ordenamento cósmico e universal (MARCONDES, 2013).

Nesta perspectiva, precisamos destacar que Aristóteles está dentro de um contexto e suas condições social, cultural, política e econômica específica, e assim se convém trazer à baila que, fatos e termos como cidadão, cosmo (s), cidade, educação, político, felicidade e dentre outros, são concebidas com especificidades bem peculiares dadas as condições acima. E por isso cabe-nos ir trazendo luz aos termos que abarcam o entendimento da proposta e que dizem respeito ao desenvolvimento deste trabalho.

Portanto, desde já se é necessário esclarecer que para Aristóteles os atributos que caracterizam o homem como animal político é abrangente aos homens em geral, inclusive os escravos. Entretanto, para participar das deliberações da *polis* grega (cidades-estados independentes, mas que compartilhavam idioma, religião e outras práticas) não bastava apenas ser enquadrado como animal político, mas sobretudo, tinha que ser considerado cidadão, e o ser cidadão da *polis* não contemplava a todos os indivíduos, tal como os escravos, mulheres e estrangeiros residentes nas cidades-estados, pois estes indivíduos não cumpriam os requisitos necessários para serem considerados cidadãos (ARISTÓTELES, 2004).

Partindo destes fatos, se faz obrigatório dizer que Aristóteles (384-322 a. C), afirma que “a sociedade que se formou da reunião de várias famílias e aldeias originou a Cidade, a *polis*, que tem a faculdade de se bastar a si mesma, sendo organizada não apenas para conservar a existência, mas também para buscar o seu bem-estar,” (ARISTÓTELES, 2004, p.13). E ainda quanto à questão da cidade como desdobramento do homem, ele nos diz que,

§ 1. Sabemos que toda cidade é uma espécie de associação, e que toda associação se forma tendo por alvo algum bem; porque o homem só trabalha pelo que ele tem em conta de um bem. Todas as sociedades, pois, se propõem qualquer bem - sobretudo a mais importante delas, pois que visa a um bem maior, envolvendo todas as demais: a cidade ou sociedade política. (ARISTÓTELES, 2004, p.11).

Sendo assim, o homem é o criador da cidade, já que ele é um ser dado ao viver/convívio em sociedade, portanto, um ser social, uma vez que, segundo Aristóteles “apenas um ser vil, uma fera, uma besta ou um deus possuem a capacidade de não viverem em sociedade.” Onde assevera que, “§ 8. A sociedade constituída por diversos pequenos povoados forma uma cidade completa, com todos os meios de se abastecer por si, e tendo atingido, por

assim dizer, o fim a que se propôs. Nascida principalmente da necessidade de viver, ela subsiste para uma vida feliz,” (ARISTÓTELES, 2004, p.13). Desse modo, para o filósofo a cidade se origina das associações necessárias através e por meio do homem, um ser não apenas dado a viver em sociedade, mas sobretudo condicionado a isso devido a sua própria estrutura biopsicossocial.

Porém, quanto a questão da dimensão política e social do homem na concepção aristotélica, a mesma está diretamente ligada e dependente em verificar e conceber o ser humano e sua capacidade ou dotação de ser um portador de razão, memória, experiência, paixão e sua possibilidade de busca da virtude, a *areté*,<sup>6</sup> e no qual se manifesta tais dimensões através e por meio da palavra, *logos*, no qual somente o ser humano é portador.

Entretanto, as concepções de paixão<sup>7</sup> e virtude para o estagirita e a cultura grega do contexto, não o são as mesmas que concebemos em nossas sociedades modernas. Mas, tanto a razão, o *logos*, a paixão e a virtude estão inscritas como parte da dimensão ontológica do ser humano enquanto ser que difere dos demais animais. Desse modo, ele nos demonstra que,

§ 10. Claramente se compreende a razão de ser o homem um animal sociável em grau mais elevado que as abelhas e todos os outros animais que vivem reunidos. A natureza, dizemos, nada faz em vão. O homem só, entre todos os animais, tem o dom da palavra; a voz é o sinal da dor e do prazer, e é por isso que ela foi também concedida aos outros animais. Estes chegam a experimentar sensações de dor e de prazer, e a se fazer compreender uns aos outros. A palavra, porém, tem por fim fazer compreender o que é útil ou prejudicial, e, em consequência, o que é justo ou injusto. O que distingue o homem de um modo específico é que ele sabe discernir o bem do mal, o justo do injusto, e assim todos os sentimentos da mesma ordem cuja comunicação constitui precisamente a família do Estado. (ARISTÓTELES, 2004, p.14).

Sobre isso, Berti contribui dizendo que,

“(…) A cidade também é uma sociedade natural porque o homem é por natureza um “animal político”, no sentido de que ele é feito para viver na polis. O signo desta natureza política do homem é que ele possui a palavra (*logos*), graças à qual pode discutir com os outros a propósito do que é útil e do que é justo. No entanto, sua “natureza” não é definida pelo seu nascimento, mas pelo seu fim, sua realização, quer dizer, a felicidade. E o homem não pode alcançar a felicidade senão na cidade” (BERTI, E., 2011, p.55)

Inclusive, precisamos ressaltar que há vários outros animais gregários como os homens, mas não se associando como os homens, constituindo cidade, leis e normas com fins ao viver bem e na cidade, pois a busca da virtude é justamente para se alcançar a *endaimonia*, a felicidade num processo holístico do indivíduo consigo, o *cosmos* e em seu todo coletivo social, e tais características somente o animal político-social denominado homem com as dotações da razão, paixão, virtude e o *logos* possui. Uma vez que, segundo o próprio filósofo todos os animais possuem

<sup>6</sup> - A virtude portanto, e na esfera humana, é justamente o controle e domínio das paixões, e se encontra a medida de se escolhe o justo meio das coisas, a medida certa ou o meio-termo. A isso ‘...Aristóteles considerava que a virtude podia ser adquirida, sendo na realidade resultado de um hábito: “A virtude é uma disposição adquirida voluntariamente, consistindo, em relação a nós, em uma medida, definida pela razão conforme a conduta de um homem que age refletidamente. Ela consiste na medida justa entre dois extremos, um pelo excesso, outro pela falta” (Ética a Nicômaco, 6). Oposto a vício. (JAPIASSÚ, H.; MARCONDES, D. Dicionário Básico de Filosofia. Editora: Zahar, 2006, p.189).

<sup>7</sup> - Somente para um entendimento geral sobre as paixões, e que seriam em ou de vários modos e níveis, tais como emoções, sentimentos, impulsos, medo e dentre outras. Sendo portanto, as paixões exclusivas e unicamente da natureza humana. Vale lembrar que não estamos relacionando as paixões aqui com sensações ou instintos. Entretanto, as paixões na concepção aristotélica estão relacionadas fundamentalmente com suas disposições no que se refere aos excessos e faltas/escassez. Uma vez que estas são negativas e prejudiciais. Mas paixão (lat. *passio*) I. Em Aristóteles, a paixão=*pathos* é uma das dez \*categorias, a qual designa uma ação que se sofre, transmitindo a ideia de passividade, por exemplo, ser cortado, ser queimado (Cat. 4). Oposto a ação. (JAPIASSÚ, H.; MARCONDES, D. Dicionário Básico de Filosofia. Editora: Zahar, 2006, p.146).

a dotação da sensibilidade, mas somente os seres humanos se diferenciam pela memória e seus processos intelectivos, bem como o desejo e busca da felicidade.

Mas, para o filósofo a felicidade está residida essencialmente numa vida teórica, ou seja, numa vida dedicada totalmente à pesquisa, ao estudo e às atividades que têm como finalidade o conhecimento. Sendo este tipo de vida, com certeza uma finalidade da vida em si; pois ela é autossuficiente e bem semelhante a mesma vida que levam os deuses.

Aristóteles ressalta ainda que na diferenciação do viver de forma gregária entre os homens e os animais, se dá justamente porque os primeiros sabem perceber o bem e o mal, o justo e o injusto, isso pelas referidas dotações advindas de um ser essencialmente teleológico. Já os demais animais não possuem tais características e dotações. Portanto, nos assegura o estagirita,

Assim, o homem é um animal cívico, mais social do que as abelhas e os outros animais que vivem juntos. A natureza, que nada faz em vão, concedeu apenas a ele o dom da palavra, que não devemos confundir com os sons da voz. Estes são apenas a expressão de sensações agradáveis ou desagradáveis, de que os outros animais são, como nós, capazes. A natureza deu-lhes um órgão limitado a este único efeito; nós, porém, temos a mais, senão o conhecimento desenvolvido, pelo menos o sentimento obscuro do bem e do mal, do útil e do nocivo, do justo e do injusto, objetos para a manifestação dos quais nos foi principalmente dado o órgão da fala. Este comércio da palavra é o laço de toda sociedade doméstica e civil. (ARISTÓTELES, 2004, p.15).

Diante destes fatos, podemos observar que Aristóteles nos traz o homem como animal político-social por meio e através de um movimento que não se dá originário na estrutura biológica, sensível e institucional, mas também na dimensão ontológica do homem enquanto ser de corpo e alma. Onde talvez em processos internos, supra-sensíveis, dialéticos, dialógicos e epistemológicos, pois ebulem no e do ser humano, e assim venham se convergir no seio social mediados pela palavra/*logos*.<sup>8</sup>

Já que para o estagirita, a memória é quem torna possível a experiência sensível, pois a realidade e seus objetos passam pela memória e pelo intelecto humano gerando assim conhecimentos, onde somente o homem está dotado desses processos internos e as estruturas que os concebem (BERTI, 2011).

No que diz respeito as palavras, o *logos*, o filósofo afirma que são as mesmas que formam a linguagem, pois são signos convencionais dos conceitos estruturados pelo intelecto do homem, que geralmente são conteúdos do espírito humano, sendo imagens das coisas, onde entre a linguagem, o pensamento e a realidade existe a relação de significação. Logo, pela memória, intelecto, experiência e linguagem, os seres humanos são os únicos dentre os outros animais, que produzem conhecimento de si, do mundo, para si e para o mundo. E a este respeito iremos desdobrá-lo no homem, o animal político-social em uma ontologia destas práticas.

Cabe ressaltar que o estagirita nos traz uma gama de enunciados que se abrigam na estruturação e exposição da e na presença do homem no cenário social, enquanto ser político e originador da sociedade humana em suas associações e da cidade.

---

<sup>8</sup> - A esse respeito, entende-se que o ser humano dotado de substâncias e essência, onde a primeira e na matéria, corpo, e a segunda também, entretanto, a primeira há mudanças, transformações e agregações, já a segunda permanecendo a mesma, porém, ambas na constituição do ser humano, estão dadas na realidade concreta e social, nas relações sociais e sua dinâmica. Logo, os seres humanos em Aristóteles se constituem não apenas pela sua Teoria das Quatro Causas (São elas, as Causas: A Causa Formal; a Material; a Eficiente e a Formal – ARISTÓTELES, 2012), mas também “em processos internos, supra-sensíveis (além do corpo no sentido literal), dialéticos (de duas vias, no sentido internos e externos, social), dialógicos (nas relações com os outros, pois os seres humanos para Aristóteles são seres sociais) e epistemológicos (seres de conhecimento, que conhecem, pela razão e experiências), ebulem no e do ser humano, e assim venham se convergir no seio social mediados pela palavra/*logos*.” Ou seja, pelo motivos de os seres humanos serem seres racionais e sensíveis, de experiências e percepções, há um contínuo e constante processo de ebulição, fervura, fervilhar dentro de seu ser, isso para expressarem suas experiências e racionalidade do mundo, por meio e através da palavra, o *logos*, o racional (ANTISTERI, D.; REALE, G. **História da Filosofia – Vol. I**. São Paulo. Editora: Paulos, 2007).

Vale mencionar que até hoje estamos em busca de nos aprofundar sobre esse dilema e definição do *zoonpolitikon* Aristotélico. Pois ainda estamos em marcha na abertura do ser humano enquanto ser político e social que o estagirita nos trouxe, tanto para refletirmos como para nos inquietar diante de tantos dilemas que marcam esse Ser que deve ser conhecido por si e para si no desenrolar de sua atuação biopsicossocial, teleológica, histórica e de trabalho, e estes mediados pelo *logos* e pela linguagem em si em suas várias formas (REALE, G.; ANTISERI, 1990).

## 2. A Ontologia do animal político-social enquanto Devir dado pela essência

Na filosofia aristotélica há um finalismo da causalidade do homem enquanto um animal político. Pois todos os seres vivos estão debaixo de uma finalidade e ou finalismo.<sup>9</sup> A exemplo uma planta ou um animal que ao morrer se tornam nutrientes para a terra que alimentará outros seres. As aves que voam destinadas para estar nos céus, os animais que são destinados para o mar e assim como outros animais que são destinados para a terra. Podemos também acrescentar os seres humanos, já que estes também possuem finalidades sobre a terra, inclusive, dotados e capacitados de memória e inteligência, onde na fusão de ambas, eles em suas vivências, adquirem experiências, isso interligados e relacionados na e com a memória, sob repetição e ação intelectual (PRADEAU, 2011).

Mas qual a finalidade disso tudo? O estagirita acredita que há. E assim se poderia dar/demonstrar vários outros tipos de exemplos. Corroborar Berti,

“(…) As causas finais são, para os seres inanimados, seu “lugar natural” (a terra para os corpos pesados, o céu para os corpos leves); para os seres animados, as causas finais são sua realização completa e sua reprodução” (BERTI, E., 2011, p.48).

Sendo assim, mesmo que venha haver a presença de possíveis exceções ou erros na conclusão da natureza e ou da finalidade dos seres/entes, isso não tira a validade das regras aristotélicas que demonstram a causalidade/Teoria das Quatro Causas dos fenômenos, que também se inscrevem no ser humano, o animal político-social (ARISTÓTELES, 2012).

Diante dos enunciados aristotélico e as indagações que se emergem, adentraremos numa ontologia do ser humano, o animal-político-social, onde nas teorias e concepções de Aristóteles, ele os define como um ser social, destinado a viver em sociedade, o *zoonpolitikon*:

§ 9- É evidente, pois, que a cidade faz parte das coisas da natureza, que o homem é naturalmente um animal político, destinado a viver em sociedade, e que aquele que, por instinto, e não porque qualquer circunstância o inibe, deixa de fazer parte de uma cidade, é um ser vil ou superior ao homem. (ARISTÓTELES, 2004, p.14).

Podemos observar que o estagirita além de afirmar que o homem é um animal político, também o é social, uma vez que, ele nos diz que o aparecimento da cidade é um processo natural inserido no desenvolvimento com laços intrínsecos, imanente e inerente ao e do homem enquanto ser e animal diferente dos demais animais.

Vale mencionar que Aristóteles apresenta em sua teoria a capacidade da inteligência dos seres vivos, mas em geral os animais possuem as capacidade sensoriais, entretanto o homem além de possuir a memória, também possui as

<sup>9</sup> - A este respeito, fica claro para Aristóteles, tanto como Grego, como teórico e filósofo discípulo de Platão, que o ser humano como tudo o que existe possui uma finalidade. Aqui colocamos também finalismo, como uma causa final, um objetivo e ou ponto de chegada. Ou seja, nada existe por existir, tudo tem uma causa, relação causa e efeito; quanto uma causa no sentido de sua teoria, a saber: causa forma, material, eficiente e final, a um fim ou finalidade.

faculdades intelectivas, no qual o permite experimentar diferentes realidades caóticas sensíveis e as unificar em blocos coerentes. Ou seja, pela capacidade do homem através da memória, das faculdades intelectivas e da experiência, tal ser tem condições e possibilidades de acessar sua própria essência enquanto ser e seus movimentos do devir. Portanto, podemos afirmar que Ser animal político faz parte das propriedades da determinação da essência do ser do homem enquanto ser, e ser animal político.

A esse respeito Berti, corrobora afirmando que,

“De acordo com Aristóteles, a primeira forma de conhecimento do homem é a percepção dos objetivos sensíveis, de onde se extrai a lembrança, e é graças a um conjunto de lembranças do mesmo objeto que a experiência se constitui. Trata-se aí do conhecimento do “que”, quer dizer, do estado mesmo das coisas” (BERTI, E., 2011, p.50).

Assim sendo, na perspectiva Aristotélica todas as coisas possuem uma finalidade, tanto as naturais quanto as artificiais, e por que não dizer as ontológicas? E se levamos em conta a Teoria das Quatro Causas aristotélica, poderíamos invocar a condição humana-política-social como determinadas pela essência de ser político por natureza como inscrição universal na substância que determina a espécie humana, e sendo dada pela essência em sua plenitude ligada ao ato de ser e em seu ser, conduzindo assim, a forma e a finalidade do homem enquanto homem e político, e isto como condição e dotação para e de auto preservação enquanto ser, espécie e essência entre tantas outras (os) e suas multiplicidades de e em entes, bem como “dentro dos acidentes.”

E Berti, assevera que,

Todo ser tende a realizar completamente sua própria forma. Aristóteles tem, portanto, uma concepção global da natureza que se pode qualificar de finalista, ou de teleológica; e é este finalismo que se manifesta na tendência dos indivíduos vivos de se alimentarem e se reproduzirem, assegurando assim a perpetuação infinita de sua espécie (BERTI, E., 2011, p.50)

Logo, Ser animal político, se inscreve na natureza humana universal, indicando quase uma circularidade lógica, isso enquanto realidade sensível dada pelo suprassensível.<sup>10</sup> E dada de modo objetivo com finalidades a realização do ser em sua essência, e em ser aquilo para que fora feito, determinado e esperado. Uma vez que, ser assim o homem cumpre sua diferenciação dos demais animais e se realiza enquanto espécie determinada a ser em *potência* o que fora gerado a ser em *Ato*, e em movimento de *potência* objetiva o alcançar o ser novamente em *Ato*.

<sup>10</sup> - Aristóteles é um filósofo que vem de um mestre (Platão), que dá ênfase em sua filosofia, na teoria das ideias, sobretudo ao mundo racional em detrimento do experiencial ou sensível. Já Aristóteles dá mais ênfase em sua filosofia, ao mundo sensível, mas não deixa ou desfaz do racional. Logo, Aristóteles irá se dedicar em explicar o ser humano e sua constituição, bem como de tudo o que existe, numa junção do racional e experimental, exposto em sua Teoria das Quatro Causas (ARISTÓTELES. **Metafísica. Vol. I e II.** Ensaios Introdutórios. Comentário e notas por Giovanni Reale. São Paulo. Editora: Loyola, 2012). Sendo assim, os seres humanos possuem um corpo, um dado concreto, real, sobretudo, substancial, mas que é também determinado pela sua relação com sua essência; ou seja, o real e sensível, corporal, físico está ligado, interligado e conectado ao supra-sensível, o que é denominado de essência. Portanto, se há uma substância humana universal, ou mais de uma substância, os seres humanos participam dela, precisam dela para serem humanos, isso como forma, tamanho, cor, tipo, estrutura, etc; e como há a essência humana, todos os seres humanos tem tal essência. Com isso, todos os seres humanos participam das substâncias, mas possuem sua essência enquanto humanos, e se tanto substância quanto essência estão interligadas para a constituição humana, ele se constitui desde a essência humana, que culmina na substância, logo, no físico, corporal, material, ao que os filósofos denominavam de ser sensível, isso o corpo, e o supra-sensível, a “Alma” e ou essência, algo além do corporal. E se os seres humanos são seres *politikos*, são desde a essência, passando pela substância, e querendo se expressar pelo racional, corporal, pela linguagem e em sociedade e ou comunidade (ANTISTERI, D.; REALE, G. **História da Filosofia – Vol. I.** São Paulo. Editora: Paulos, 2007).



A esse respeito, acredito que a reflexão e busca aristotélica parece ter algum sentido, se fizermos uma conexão, relação e possível correspondência nas máximas “Socrática” “Só sei que nada sei,” e no “conhece-te, a ti mesmo.”<sup>11</sup> (MARCONDES, 2013, p.50, p.107).

Portanto, Ser animal político não é um acaso, mas uma determinação inscrita na essência universal do Ser animal homem enquanto animal objetivado pela natureza do próprio ser, e de ser de sua espécie, em ser político, isso por um devir determinado essencialmente, no qual o vai fazendo se diferenciar dos demais animais sobre a terra.

Desse modo, é correto afirmar que a lógica da estrutura interna na e da substância dada pela essência humana para sua estrutura e dimensão de animal político e social, também atravessam-no desde o seu ser em sua essência, no caso em *Ato*, para realizar-se na e em *potência*, isso no devir na e da condição de animal político, por isso um processo de certa circularidade (da essência=*Ato* para a matéria, forma e finalidade da substância em realizar em *potência*, buscando o nível mais alto do desenvolvimento do ser em *Ato*), e seu retorno ao *Ato* como homem político e pleno.

Neste movimento circular interno e externo ao ser humano, de *Ato a potência* e de *potência ao Ato*, movimento desde a essência para e na substância, quanto na matéria, forma e finalidades das mesmas; passando assim, pelos movimentos das Quatro Causas (Material, Formal, Eficiente e Final), e em seu devir, o vir a ser e se manifestar enquanto ser social e político, o ser humano encontra o seu ser em si mesmo; e assim, de ser em ser, e internamente quanto externamente, ele, o sujeito, avança na plenitude de ser em *Ato* e essência, e que é ser político e social, se desvelar, se desdobrar e se manifestar no ser em matéria, forma e substância, o ser em *potência*, almejando o seu ser em *Ato*, o político-social. Todos esses movimentos e de devir se realizam fundamentalmente durante os movimentos das Causas Formal e Final na natureza humana (BERTI, 2011).

Causa formal e material ligadas a forma da espécie humana, já as causas eficiente e final, com a finalidade do ser humano, em ser uma espécie social, mas sobretudo, política, por natureza e essência, abarcando toda a sua estrutura biopsicossocial. Logo, “Os seres vivos têm em comum a reprodução que expressa a tendência de cada um de deixar depois de si um outro ser semelhante a ele, assegurando assim a perpetuação da espécie” (BERTI, 2011, p.51). Ou seja, há uma espécie humana e não raças humanas, mas esta espécie contém uma gama de tipos diversos de seres, que participam das mesmas estruturas e composições, a saber, a material, a formal, a eficiente e a final, da espécie humana, digamos, estruturas biológicas, psicológicas e outras, mas que se realizam na estrutura social e política. Enfim, há a espécie humana (Não raças humanas), mas diversa em si pelos tipos e características internas e externas, entretanto, todas são uma única espécie, a humana, formadas para a vida social e política.

### Considerações Finais

Assim sendo, podemos concluir duas perspectivas fundamentais na integralidade, integração e integridade do ser humano, fundidas em Aristóteles, no qual o ser político do animal homem, é sobretudo, um movimento necessário da essência do ser e que atravessa determinantemente toda a substância também do ser, no qual em sua natureza há o *Ato* de ser por essência, animal político. No qual o ser completo em e pela essência vai atualizando o ser em devir, no vir a ser, isso no estado de *potência* para de volta ao *Ato* na natureza humana física e social, em e sua estrutura

<sup>11</sup> - Este é um aforismo Grego, e uma inscrição no Templo do deus Apolo, em Delfos. Mas que ficou bastante conhecido através da figura de Sócrates. Ambas as citações são sempre relacionadas com a figura deste filósofo. É a inserção das mesmas no texto, se deve ao fato de Platão e Aristóteles terem sofrido influências tanto dos filósofos anteriores, sobretudo Sócrates, bem como da cultura de sua época, suas crenças, tradições e sociedade. Sendo assim, a filosofia Aristotélica não pode ser vista desvinculada dos filósofos anteriores, suas buscas, questões e reflexões. Ou seja, a filosofia Aristotélica parte desses filósofos e reflexões anteriores, suas filosofias e aforismos, logo, há relações e correspondências entre as reflexões e teorias de Aristóteles com os pensamentos anteriores, teorias, crenças, valores, cultura e sociedade (MARCONDES, 2013).

biopsicossocial, mediados por sua estrutura supra-sensível.<sup>12</sup> Já que o ser em *Ato* está ligado e conectado ao ser em *potência*, sendo imanente e inerente tais relações da e na estrutura interna e externa humana, tanto em suas interligações e conexões estruturais de *Ato* a *potência*, esperando o retorno ao *Ato*. Por isso denominados de certo processo de circularidade, partindo assim do ontológico ao e para o natural, físico e material.

Entretanto, no movimento do ser político, que está na essência humana, e que perpassa e atravessa toda a sua estrutura, abrangendo sua substância, e seus acidentes,<sup>13</sup> no qual advém do movimento do *Ato* para a *potência*, isso do devir do movimento que gera a natureza humana no sentido físico e corpóreo, onde do movimento do *Ato* para a *potência*, ocorrem os acidentes, que são as mudanças, alterações, diferenças e diversidades do ser, das coisas e ou objetos.

E também no caso dos seres humanos, os acidentes promovem as diferenças, a diversidade e tipos humanos (não raças), mas mantendo a essência da unidade da espécie enquanto ser, único por natureza, em ser biológico, psicológico, histórico, social, simbólico e político.<sup>14</sup> Com isso, em toda a sua estruturação humana, abarcadas na Teoria das Quatro Causas aristotélicas, o ser humano passa do *Ato* e essência para a *potência* e substância, matéria, forma e finalidades, isso no ser enquanto espécie no mundo físico-natural, e onde no movimento interno gerado pelo *Ato* e essência ao se realizar no seu devir, corpo e humano, naturalmente o *Ato* quer também se realizar no movimento interno e externo enquanto *potência* dada por ele, o *Ato*, se manifestar da *potência* de volta para o *Ato* que gerou a *potência*, para esta o colocar em *Ato* pelos movimentos internos e externos, num fluxo de circularidade objetiva e determinada pela essência, própria do ser político do animal humano (ARISTÓTELES, 2004).

Com isso, o ser humano passa do *Ato* a *potência* e da *potência* ao *Ato* enquanto existir. Ser, se constituir e se manifestar enquanto ser político. Fazendo parte da natureza humana e sua plena realização enquanto ser que é. Político por essência e natureza.

Fica notório que o homem é um animal político-social por determinação de sua essência, e isto movido pela causa formal quanto pela causa final ou eficiente, com fins a realização do encontro do homem consigo mesmo, bem como sua própria lógica de ser no mundo: animal-político-social, no qual o colocam na condição de homem e assim o diferenciando das demais espécies e animais. Culminando assim na sua realização enquanto essência, ser, homem, político e social, onde tal realização abarca de modo holístico sua substância enquanto ser no mundo e do mundo, no *cosmo* e pelo *cosmos*. Atuando sobretudo na sua *polis*=cidade, nas suas decisões e rumos, de modo consciente, atuante e participativo.

Porém, se é necessário a prática da virtude, a *areté*, que é a disposição do homem escolher o justo meio, a medida certa entre o que é justo e injusto, ou seja, viver na dimensão da moderação e sem os excessos ou escassez (pois até a escassez é um excesso da ou de falta de algo), para assim cumprir seu papel, função e finalidade enquanto ser, uma vez que, pelo exercício da inteligência, memória e experiências se é possível construir algum conhecimento de nosso ser, o ser político-social para atuarmos e nos atualizarmos no cenário social. Lembrando que para Aristóteles a virtude seria justamente o equilíbrio entre os excessos (os pontos extremos) dos opostos. Já que tanto os

<sup>12</sup> - Como já apresentando anteriormente, o supra-sensível, é aquilo que é denominado de essência. Alguns entendem por “espírito ou alma,” mas já deixamos a saber que não o é, mas uma espécie de essência além do corpo, que não é formada pelas mesmas substâncias do corpo, mas habita, está contida no corpo.

<sup>13</sup> - Entende-se por acidentes na Teoria das Quatro Causas de Aristóteles, aquilo ou aquele movimento ou ação que da a diferença entre os seres, as coisas, suas espécies e as diversidades (ARISTÓTELES, 2012).

<sup>14</sup> - Para saber mais sobre a constituição humana em suas mais variadas esferas e áreas ou campos, como ser Social e Histórico, sugerimos as obras de Karl Marx (1818-1883), “**O Capital**. Volumes, 1988;” sobre o ser Biológico, Social e Político, sugerimos as obras de Aristóteles (384-322 a.C), “**Política**, 2004, **De Anima**, 2006, **Metafísica**, Volumes, 2012;” sobre o ser como Psicológico, social e Simbólico sugerimos as Teorias de Ernest Cassirer (1874-1945), “**Filosofia das Formas Simbólicas I**, 2003;” Carl G. Jung (1875-1961) em “**O Homem e seus Símbolos**, 1984,” e Pierre Bourdieu (1930-2002), “**O poder Simbólico**, 2002.” Ambas as obras se complementam no assunto sobre a dimensão humana e constituição humana biopsicossocial.

excessos/escassez de alguma coisa quanto a sua falta/escassez podem ser prejudiciais e ou negativas em qualquer instância, seja ela natural, física, biológica e dentre outras (ARISTÓTELES, 2012).

Sendo assim, entendemos que todas as coisas possuem suas finalidades ou objetivos, e isso tanto as artificiais como no caso das naturais. E mesmo que também venha haver os acidentes da e na formação e ou criação e constituição das coisas, inclusive o ser humano, assim o são para se criar e existir a variedade e diversidade das coisas que existem no mundo, ou seja, não é um erro ou um acaso, mas os acidentes na Teoria de Aristóteles são parte do fundamento das diferenças, das diversidades, dos tipos e alterações objetivas dentro do movimento das causas material, formal, eficiente e final, logo, tudo e todos possuem o seu lugar e objetivos. Por isso, há tipos de pedras e não uma pedra; espécies de cavalos e não um tipo de cavalo; espécie humana em variadas formas e etnias, e não uma apenas, e assim por diante (ARISTÓTELES, 2012).

Mas, no fim, mesmo assim a referida cumpre no geral e universal seu papel e finalidade. Inclusive para com ela mesma, a natureza, sua estrutura e a espécie humana, o *zoonpolitikon*. Já que em todos os casos a inteligência humana possui a capacidade (plena ou parcial) natural de receber e moldar e ou transformar o que é inteligível e cognoscível, para enquanto ser no mundo, de alguma forma atuar no mundo enquanto ser biopsicossocial e supra-sensível, o ente e sua essência, o ser político por natureza e essência enquanto ser para a *polis*. Onde de modo consciente participa, interage, atua e toma decisões para o rumo da cidade.

Logo, observamos em Aristóteles e suas Teorias, sobretudo a política, da alma e em sua metafísica, o *zoonpolitikon*, isso na constituição e formação do ser humano, desde sua dimensão ontológica a físico-material-corporal-social, da essência a substância corporal, da causa material, formal e eficiente a causa final, do *Ato a potência* e vice-versa.

Poderíamos dizer que, buscamos desvelar o ser humano do que parece ser determinado por natureza e essência, para que possa gozar de sua plena realização social e histórica enquanto ser. E que é, ser político por natureza. Um ser e ou animal essencialmente político.

Sendo assim, são os seres humanos animais essencialmente políticos? E se forem são seres políticos do e ou no “espiritual”, “Almático,” aquele supra-sensível e ou metafísico, ou apenas no físico-corporal-humano? São todos os seres humanos respeitados como seres políticos? E se são cidadãos e políticos são respeitados? Todos os sujeitos enquanto seres políticos e cidadãos participam de todas as decisões da “cidade” ou país?<sup>15</sup>

## Bibliografia

- ABBAGNANO, N. *Dicionário de filosofia*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2012.
- AGOSTINHO. *Confissões*. Tradução: Alex Marins. Editora: Martin Claret. São Paulo, 2004.
- ANTISTERI, D.; REALE, G. *História da Filosofia – Vol. I*. São Paulo. Editora: Paulos, 2007.
- ARANHA, M. L. A.; MARTINS, M. H. P. *Temas de Filosofia*. São Paulo. Editora: Moderna, 1986.
- ARISTOTELES. *De Anima*. Apresentação e Tradução de Maria Cecília Gomes dos Reis. São Paulo. Editora: 34, 2006
- \_\_\_\_\_. *Política*. São Paulo: Martin Claret, 2004.
- \_\_\_\_\_. *Política*. Coleção Grandes Pensadores. São Paulo: Abril, 1986.
- \_\_\_\_\_. *Ética a Nicômaco*. São Paulo: Martin Claret, 2006.

<sup>15</sup> - Acreditamos ser estas indagações assunto para uma outra proposta de pesquisa. Que poderá vir a complementar ao trabalho em tela.

- \_\_\_\_\_. **Metafísica. Vol. I e II. Ensaios Introdutórios. Comentário e notas por Giovanni Reale.** São Paulo. Editora: Loyola, 2012.
- BERTI, E. **Aristóteles.** In: PRADEAU, J. F. (org.). *História da filosofia.* Petrópolis: Vozes, Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2011.
- BIRD, C. **Introdução à Filosofia Política.** Editora: Madras, 2006.
- BOURDIEU, P. **O poder Simbólico.** Rio de Janeiro, Bertrand Brasil S.A, 2002.
- \_\_\_\_\_. **Razões práticas: sobre a teoria da ação.** Tradução de Mariza Corrêa. Campinas: Papirus, 1996.
- CAMBI, F. **História da educação.** São Paulo: Editora UNESP, 1999.
- CENCI, A. V. **Aristóteles & a educação.** Belo Horizonte: Autêntica, 2012.
- CHAUÍ, M.; FERES, O.; WATANABE, L. A. [et. al.]. **Primeira filosofia.** Lições introdutórias – Sugestões para o Ensino Básico de Filosofia. São Paulo: Brasiliense, 1995.
- CHAUÍ, M. **Convite à Filosofia.** São Paulo, Editora: Ática, 2006.
- \_\_\_\_\_. **O Que é Ideologia.** São Paulo, Editora: Brasiliense, 1980.
- CLASTRES, P. **Arqueologia da violência.** Pesquisas de Antropologia Política. São Paulo: Cosac & Naify, 2004.
- DUARTE, M. B. **O cidadão grego na política aristotélica.** Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Filosofia) – Programa de Pós-Graduação em Filosofia, Universidade Gama Filho, 2013.
- \_\_\_\_\_. (no prelo). **O animal político aristotélico.** Monografia (Bacharel no Curso de Graduação em Filosofia) – Faculdade de Filosofia, Universidade Federal Fluminense, 2017.
- DURANT, W. **História da Filosofia - A Vida e as Ideias dos Grandes Filósofos.** São Paulo, Editora Nacional, 1.<sup>a</sup> edição, 1926.
- FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido.** 24<sup>a</sup> ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.
- \_\_\_\_\_. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa.** 35<sup>a</sup>ed. SP: Paz e Terra, 2007.
- GADOTTI, M. **História das ideias pedagógicas.** São Paulo: Editora Ática, 2003.
- JAPLASSÚ, H.; MARCONDES, D. **Dicionário básico de filosofia.** Rio de Janeiro: Zahar, 2006.
- MACEDO, R. P. **Curso de Filosofia Política.** Editora: Atlas, 2008.
- MARCONDES, D. **Iniciação à história da filosofia: dos pré-socráticos a Wittgenstein.** Rio de Janeiro: Zahar, 2013.
- MARCOS, R. L. **Aristóteles: Filosofia Aristotélica.** São Paulo: Hunter, 2013.
- MENDONÇA, J. S. **Iniciação à Filosofia Política – O Homem e o Estado.** Editora: Ridel, 2010.
- ORWELL, G. **1984.** Tradução: Heloisa Jabn e Alexandre Hubner. São Paulo, Editora: Companhia das Letras, 2009.
- PENNA, F. A. **O Escola sem Partido como chave de leitura do fenômeno educacional.** In: FRIGOTTO, G. (org.). *Escola “sem” partido: esfinge que ameaça a educação e a sociedade brasileira.* Rio de Janeiro: UERJ, LPP, 2017.
- PRADEU, J. F. (org.). **História da filosofia.** Petrópolis: Vozes, Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2011.
- REALE, G.; ANTISERI, D. **História da filosofia: Antiguidade e Idade Média.** São Paulo: Paulus, vol. I, 1990.
- SAVLANI, D. **História das ideias pedagógicas no Brasil.** Campinas: Autores Associados, 2007.
- SEVERINO, A. J. **Educação, Ideologia e Contra ideologia.** São Paulo: EPU, 1986.